

crises do século

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 10 • 2010

«Epílogo: o fim da Primeira República» é o título do texto assinado por António Reis, que constitui a quinta e última parte da obra. Interrogando-se sobre os principais factores que conduziram à «crise final e fatal da Nova República que sucedera à fugaz «República Nova» de Sidónio» (p. 574), o autor debruça-se sobremaneira sobre os factores político-culturais internos que lhe parecem mais pertinentes para explicar o desencadeamento da crise final da Primeira República.

Em suma, *História da Primeira República Portuguesa* apresenta-se simultânea e equilibradamente como uma obra enciclopédica e teórica indispensável para o estudo, o conhecimento, a reflexão e o debate acerca deste período tão marcante da História de Portugal.

Clara Isabel Serrano

Bolseira de Doutoramento da FCT/CEIS20

RODRIGUEZ NOZAL, Raúl;
GONZÁLEZ BUENO, António (coords.) – *El medicamento de fabricación industrial en la España contemporánea*. Madrid: CERSA, 2008. 416 p.

Em 2008 foi publicada a obra colectiva coordenada pelos historiadores da farmácia e da ciência, Raúl Rodríguez Nozal e António González Bueno, intitulada *El medicamento de fabricación industrial en la España contemporánea*. Trata-se de um grosso volume, com mais de 400 páginas, resultante de um projecto de investigação intitulado *Repercusión social y profesional de la industrialización farmacéutica en la España del siglo XX*, financiado pelo Ministerio de Educación y Ciencia.

A obra com algumas ilustrações que retratam bem várias das questões da indústria farmacêutica do início do século XX divide-se em diferentes capítulos, a saber: «El modelo de industrialización farmacéutica española: aportes para una tipificación», da autoria de Raúl Rodríguez Nozal e António González Bueno; o segundo capítulo, da autoria dos mesmos autores intitula-se «Proyectos, realidades y utopías. La fabricación industrial del medicamento en España (1840-1940)»; o terceiro capítulo, da responsabilidade de Raúl Rodríguez Nozal tem como título «Testigos de un Nuevo orden terapéutico: el farmacéutico español ante el medicamento industrial»; do mesmo autor é o quarto capítulo, «Génesis del movimiento asociativo industrial en España (1916-1931)»; os dois autores anteriores redigiram «El medicamento extranjero en España (1919-1935)»; Rafaela Domínguez Vilaplana em colaboração com António González Bueno escreveram o capítulo «Bajo el control alemán. La empresa Schering A.G. en España (1885-1940)»; novamente Rodríguez Nozal e González Bueno assinaram o sétimo capítulo, «Instrumentos, utensilios, aparatos y procedimientos en las primeras etapas de la industrialización farmacéutica»; o capítulo oitavo é da autoria de Alberto Gomis e intitula-se «El medicamento biológico: sueros y vacinas en España»; González Bueno e Alicia Villarubia Penedo, são os autores do capítulo seguinte, «La fabricación industrial del medicamento por el Ejército español (1879-1936)»; o décimo capítulo é da responsabilidade de Maria Luísa de Andrés Turrión e intitula-se «La fabricación industrial de medicamentos por el Ejército Español: programas durante la Guerra Civil y primera etapa del franquismo»; o último capítulo tem como autora Eugenia Mazuecos Jiménez e tem

como título «El papel de la publicidad en la popularización del medicamento industrial en España».

A obra que, curiosamente, não apresenta qualquer nota introdutória com este nome, tem a servir como introdução o primeiro capítulo e encerra com um forte conjunto de referências bibliográficas onde em mais de 30 páginas encontramos um conjunto relevante de fontes impressas e de bibliografia subsidiária. A nosso ver teria sido também interessante a distinção entre fontes e bibliografia subsidiária mas isso é uma questão de critério estabelecido.

A obra foca questões-chave essenciais para o estudo da industrialização do medicamento em Espanha e, por conseguinte, na Europa. Os problemas focados são as questões capitais do movimento de industrialização do medicamento que assolou, também o nosso país.

Devemos lembrar que a industrialização do medicamento, isto é, a sua transformação de produto artesanal em bem produzido em série é um fenómeno muito complexo que mexe com questões de diversa ordem como, por exemplo, questões de natureza científica e técnica, questões de ordem juridical, social, económica, etc.

Temos que nos lembrar, também, que a industrialização do medicamento tem origens diferentes consoante se trate de países do sul da Europa ou do Norte da Europa. Países com tradição protestante ou países com tradição católica; países mais pujantes economicamente ou países com menos pujança económica. No primeiro capítulo os autores falam de um modo muito claro de várias destas questões com as quais concordamos e é muito interessante vermos em Portugal um certo retrato do que os autores dizem ser a tradição industrial dos países de tradição católica e do Sul da Europa. Sobressai do que os autores referem, entre vários pontos,

que a indústria química e a investigação química foi decisiva para a implementação de indústrias farmacêuticas pujantes e com um produção de formas farmacêuticas mais inovadoras e arrojadas.

Na presente obra fica, também, muito claro, o modo como o contexto social do medicamento no período anterior a 1936 se entrecruza com questões internas da farmácia e do medicamento. Os autores sublinham o modo como se deu o processo de assimilação dos novos modelos medicamentosos industrializados e, por outro lado, como se começam a gerar grupos de pressão e de influências criados pelos proprietários das indústrias farmacêuticas então em vigorosa rampa ascendente.

Outro ponto de importância focado na obra é, justamente, a recepção em Espanha das indústrias estrangeiras, nomeadamente alemãs, inglesas e norte-americanas. O estudo é muito pormenorizado avaliando quantitativa e qualitativamente o modo como foram sendo introduzidos medicamentos em Espanha por parte dessas indústrias farmacêuticas.

O processo de industrialização do medicamento implicava naturalmente o surgimento de novas técnicas e tecnologias, bem como de aparelhos adequados ao processo industrial. Os autores estudam este processo de elevada tecnologização, mas também, os efeitos que isto teve nos medicamentos manipulados e as relações dos medicamentos tecnologicamente mais relacionados com a indústria farmacêutica tradicional com os então emergentes medicamentos biológicos.

Outro tópico de enorme interesse focado na obra é o do papel do exército na industrialização do medicamento e a afirmação da indústria farmacêutica militar, tomando os autores como eixo de comparação cronológica a Guerra Civil de Espanha.

A industrialização do medicamento está intimamente relacionada com o processo de publicidade ao medicamento. Nesta obra encontramos um capítulo inteiramente devotado ao problema da publicidade aos medicamentos. Não se trata apenas de uma lista de publicidade ou de curiosidades publicitárias. A autora do capítulo trata o assunto de um modo muito interessante relacionando com a literacia ou a iliteracia em, Espanha, com mensagem publicitária, com a iconografia apresentada, etc.

Para finalizar devemos dizer que a obra coordenada por Raúl Rodríguez Nozal e Antonio González Bueno constitui um estudo de elevadíssimo interesse para a história da farmácia em Espanha e para a história da farmácia mundial. Serve como referência para outros estudos que se venham a realizar noutros países com temas semelhantes. É uma obra do maior interesse para a história das indústrias e das empresas farmacêuticas e não só. O elevado número de fontes consultadas, a sua qualidade, o rigor com que está escrita, a originalidade da abordagem de vários dos capítulos permitem-nos considerá-la como uma obra de referência na historiografia farmacêutica.

João Rui Pita
FFUC/CEIS20

RAMOS, Rui (coord.); SOUSA, Bernardo Vasconcelos e; MONTEIRO, Nuno Gonçalo – *História de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009. 976 p.

Un libro sobre la historia de un país es un relato, una propuesta historiográfica y una interpretación. Se le ha de pedir

viveza y entusiasmo, un amparo teórico y congruencia en la relación y en el manejo de las fuentes. Mucho de ello está en este libro escrito a seis manos por tres autores cercanos en proyectos comunes y que comparten el aprecio por la escuela de los Annales y por la historiografía anglosajona.

Pese a lo mucho que se ha avanzado en ciertas subdisciplinas de la historia, sigue siendo la historia política la base de esta nueva propuesta. A partir de ella, los autores pretenden resolver las tensiones y los proyectos que han dominado la sociedad portuguesa. No obstante, se alejan de la historia política y diplomática tradicional. Prefieren contemplar la historia de Portugal desde la perspectiva de las relaciones internacionales, de modo que el relato se aparta de los entresijos de las cortes y de las cancellerías. Este relato de la historia política en perspectiva internacional es lo mejor del libro.

Además, el marco geográfico, la realidad biológica y los límites de la productividad actúan como escenario de la construcción de una identidad colectiva, confrontada con el pluralismo de los territorios, de las comunidades y de las opciones políticas (Prólogo, IV). Hay la intención de hacer una historia comprensible, pero con varios niveles de descripción e interpretación: las comunidades de memorias, la identidad nacional portuguesa en su proceso de construcción desde el siglo XVII al XIX, los procesos de institución de un sentido de la «portugalidade» o de la invención de Portugal (Prólogo, XVI). Este proceso de invención llega hasta la actualidad, con una cierta dinámica de «marginalidad» dentro del contexto europeo, pero también de especificidad en virtud de la historia sociocultural de la «lusofonía». Este hecho ha permitido recomponer la relación de Portugal con sus antiguas colonias en América, África y Asia.